

## CONVENÇÃO ORTOGRÁFICA TUPINAMBÁ<sup>19</sup>

Leila Souza Pereira<sup>20</sup>  
(UESB)

Consuelo de Paiva Godinho<sup>21</sup>  
(UESB)

### RESUMO

Este trabalho pretende apresentar e discutir a relação entre os sons presentes na língua Tupinambá e as letras que representam, na escrita, tais sons. A atual ortografia utilizada pelos Tupinambá (Olivença, BA) foi convencionada recentemente na “Convenção ortográfica Tupinambá”, objetivando sanar os problemas enfrentados na escola com relação às várias ortografias divergentes encontradas nos estudos, feitos desde o período colonial, sobre a língua.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sons; Ortografia; Tupinambá.

### INTRODUÇÃO

Os tupinambá de Olivença veem sofrendo perseguições políticas e militares desde o período colonial. Por volta de 1560, ainda quando Mem de Sá era governador interino da Bahia, no episódio conhecido como “batalha dos nadadores”, com o aval do Estado, houve uma grande matança dos indígenas em Olivença. Porém, a investida fatal do Estado contra este grupo indígena foi na década de 30 do século passado, quando o Brasil era governado por Getúlio Vargas. Na ocasião, o Massacre do Cururipe deixou a população quase que inteiramente dizimada, e os poucos que fugiram e refugiaram-se na mata, tiveram que abandonar sua língua e cultura para evitar a morte. Agora, mais de setenta anos depois, fortalecidos e empenhados em retomar sua

---

<sup>19</sup> Essa pesquisa é financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), e faz parte de um projeto maior, orientada pela Prof. Dr<sup>a</sup>. Consuelo de Paiva Godinho.

<sup>20</sup> Graduanda em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

<sup>21</sup> Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup>. Consuelo de Paiva Godinho.

cultura, sua língua e suas terras roubadas, os Tupinambá de Olivença querem transformar a escola “Sapucaeira” em uma escola bilingue e, para isso, solicitaram nossa assessoria lingüística.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Utilizamos como fontes bibliográficas os trabalhos tradicionalmente conhecidos na área, entre descrições gramaticais, métodos de ensino e dicionário daquela variedade lingüística que, hoje em dia, conhecemos como Tupi Antigo: ANCHIETA (1595) *Arte de Gramática da lingua mais usada na costa do Brasil*; AYROSA (1938) *Vocabulário na Língua Brasília*; BARBOSA (1956). *Curso de Tupi Antigo*; FIGUEIRA (1687) *Gramática da Língua do Brasil*.; NAVARRO(2005) *Moderno de Tupi Antigo*.

Além disso, também estamos realizando uma minuciosa entrevista com os índios mais idosos, ainda “lembrantes” de sentenças e palavras da língua, o que contribuirá para que seja retomada a língua Tupinambá como era realmente falada na região, com suas especificidades dialetais que a diferenciam do tupi tradicionalmente descrito nos estudos, o que atende a um pedido da comunidade.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A implantação do ensino da língua tupinambá na escola passava por um empecilho: nas várias descrições gramaticais da língua não há consenso quanto à ortografia utilizada, o que dificulta sobremaneira o ensino e a utilização da escrita pela comunidade. Por isso, foi realizado um evento que ficou conhecido como “convenção ortográfica Tupinambá de Olivença”, na qual a comunidade reunida, representada por suas lideranças políticas, seus professores, alunos e demais membros, em uma assembléia democrática, decidiu convencionar uma escrita única, objetivando sanar os problemas enfrentados na escola com relação às

várias ortografias divergentes encontradas nos estudos, métodos e descrições gramaticais dessa língua, feitas desde o período colonial.

Nessa convenção foram apresentados os casos nos quais havia divergência na ortografia, somando-se 10 questões que foram postas em debate e em votação, entre as quais:

- 1- a consoante nasal palatal
- 2- a fricativa bilabial sonora
- 3- a oclusão glotal
- 4- o espalhamento da nasalidade

Na ocasião foram apresentadas as várias ortografias presentes nos diferentes estudos, as vantagens e as desvantagens de cada uma, levando-se em conta tanto fatores pedagógicos e lingüísticos em si, como fatores sociais e também estéticos.

A limitação de espaço faz com que tenhamos que selecionar somente uma das questões, representativas do ponto de vista da relação entre som e letra, que foram discutidas na convenção. Veja o quadro de possibilidades apresentado para a questão 1:

- 1-** para a consoante nasal palatal “nh”, os símbolos ortográficos apresentados foram 3: **nh, î ou j**

Letra	Vantagens	Desvantagens
nh	é usado com o mesmo valor no português	é um dígrafo
î	é um símbolo único	é uma vogal usada para representar uma consoante traz um diacrítico não usado no português para a vogal “i”
j	é um símbolo único é uma consoante	é usado com outro valor fonético no português

A escolha da comunidade foi pelo símbolo ortográfico **î**, já que os professores manifestaram o desconforto que a solução do dígrafo (utilizada pela língua portuguesa) traz para a alfabetização. O acento circunflexo marca a utilização da letra na posição de onset silábico, ou seja, como consoante, o que a diferencia do **i** vogal. A nasalização é inevitável, já que na língua há espalhamento nasal e os falantes não têm dificuldade com isso. Além disso, o diacrítico foi considerado, pelos falantes, além de sua útil diferencialmente, esteticamente agradável.

## **CONCLUSÕES**

Concluimos que, quando se trata da fonologia de uma língua e da relação entre sons e letras, é importante levar em consideração, além das propriedades lingüísticas, outros fatores, como: fatores didático-pedagógicos, fatores de validade social e, até, estéticos, já que, somente assim, garantimos uma escrita que tenha legitimidade no seu uso, de fato, apresentando validade tanto pedagógica quanto social dentro da comunidade.

## **REFERÊNCIAS**

- ANCHIETA, Pe. José de, **Arte de Gramática da lingoa mais usada na costa do Brasil**. Ed. Fac-similar à de 1595. São Paulo: Loyola, 1990.
- AYROSA, Plínio. **Vocabulário na Língua Brasileira**. São Paulo: Dep. de Cultura, 1938. Cópia disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú.
- BARBOSA, A.L. **Curso de Tupi Antigo**. Rio de Janeiro :São José. 1956
- COSTA, Consuelo de P. G. **Nhandewa Aywu: Fonologia do Nhandewa-Guarani**. Campinas, SP: Editora Curt Nimuendajú, 2010.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha **O Nhandewa-Guarani ensinado nas escolas indígenas de São Paulo e norte do Paraná. Comunicação em Congresso, 2002.**

**Figueira, Pe. Luis. Grammatica da Lingua do Brasil.** Leipzig: B.G.Teubner, 1878 [fac-similiar à edição de 1687], Cópia disponível na Biblioteca Digital Curt Nimuendajú.

NAVARRO, Eduardo de A. **Método Moderno de Tupi Antigo.** São Paulo: Global, 2005.

*Título:* Apyngwa Rupigwa Mokõi: **A Nasalização nos Troncos Linguísticos Tupi e Macro-Jê.**

